

A política externa americana



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

A possibilidade de encontro entre Donald Trump e Lula em algum momento nos próximos dias demonstra uma singular característica da política externa dos Estados Unidos. O presidente e sua equipe de assessores definem solitariamente a política externa. No caso, ocorreram encontros secretos das assessorias brasileira e norte-americana. Tudo correu ao largo da diplomacia formal. Lá, existe um serviço de relações exteriores composto por pessoal rigorosamente selecionado dentro de universidades e treinados em cursos específicos no Departamento de Estado. Mas nem sempre é chamado a oferecer sua contribuição.

Existem 265 postos no exterior servidos por norte-americanos concursados, mas os principais são preenchidos por pessoas nomeadas como consequência do tamanho de suas doações à campanha eleitoral vitoriosa. Tudo começa pelo mínimo de doação de 200 mil dólares que permite um posto na América Central ou em algum ponto distante na Ásia. Postos na Europa ou no Japão exigem doações na casa de milhões de dólares.

Em quase seis meses de mandato, o presidente Donald Trump indicou 61 embaixadores para chefiar missões diplomáticas no exterior. Ele designou nomes de sua escolha até mesmo para países da América Latina que possuem governos ideologicamente desalinados com a Casa Branca, como

o México, a Colômbia e o Chile.

A Embaixada Americana no Brasil está sem titular desde janeiro. Dias antes da posse de Trump, Elizabeth Bagley deixou Brasília e retornou para os Estados Unidos. Bagley foi nomeada pelo ex-presidente Joe Biden. Ela é uma tradicional doadora de recursos para campanhas do Partido Democrata. No Brasil, já houve uma embaixadora ligada à empresa Boeing, que trabalhava abertamente pela sua patrocinadora.

Desde sua saída, a embaixada é chefiada pelo encarregado de negócios, Gabriel Escobar. Ele tem experiência nas representações diplomáticas dos Estados Unidos em países como Paraguai, Bolívia e Sérvia. A situação do Brasil difere completamente da vizinha Argentina, para onde o presidente americano anunciou Peter Lamelas antes mesmo de sua posse. Lamelas, médico de formação, é um empresário de origem cubana — fundador de uma rede de atendimento de urgências médicas na Flórida com acesso frequente a Mar-a-Lago, o resort privado de Trump.

Para a Colômbia, Trump indicou o advogado Dan Newlin, apoiador do Partido Republicano e ex-xerife no condado de Orange (Flórida). Para a China, o presidente americano escolheu David Perdue, ex-senador republicano pela Geórgia — estado que deu vitória a Biden em 2020 e recuperado por Trump em 2024.

Quando o indicado por Obama para chefiar a Embaixada da Noruega foi sabatinado pelo Senado em 2013, seu despreparo e seu desconhecimento sobre o país ficaram tão evidentes que ele se viu obrigado a retirar sua nomeação. Apesar de jamais ter pisado em Oslo, o indicado havia contribuído com US\$ 1,3 milhão para a campanha de reeleição do democrata em 2012.

Quando o indicado por Bush-pai para chefiar a

Embaixada das Bahamas em 1989 foi perguntado sobre suas qualificações pelo Comitê de Relações Exteriores do Senado, ele citou sua experiência com cassinos em Nevada. Acrescentou ainda que via com bons olhos a possibilidade de se instalar no país caribenho, pois lá teriam muitos campos de golfe, esporte que ele apreciava.

A embaixada em Londres, uma das mais importantes para os Estados Unidos, é normalmente ocupada por indicações políticas. O atual ocupante do posto, indicado por Trump, é o dono do time de futebol americano New York Jets, que contribuiu com US\$ 1 milhão para sua campanha. O caso da República Dominicana e do Haiti, países que dividem a mesma ilha, também é revelador. No pobre e violento Haiti, a embaixada é ocupada por um diplomata de carreira. Na sua vizinha mais rica, a embaixada é ocupada por uma indicação política.

A política externa dos Estados Unidos varia de acordo com as decisões do presidente. Ele e seu assessor de segurança nacional, com mais alguns auxiliares, desenham as diretrizes. Por essa razão, a política externa de Washington é errática. A surpreendente revelação de Trump de que houve boa química entre ele e Lula decorre de realidade. Trump disse que só negocia com quem gosta. Ocorreram negociações sigilosas entre os dois lados. Os diplomatas concorreram para que houvesse o encontro "ocasional" nos bastidores da Assembleia Geral da ONU. Diplomatas experientes poderiam evitar que eles se cruzassem. Mas, ao contrário, o objetivo era permitir o encontro, o abraço e o surgimento da boa química entre os dois presidentes. Tudo premeditado. Há muitos interesses comerciais em jogo. Não vale a pena perder tudo por causa menor. Os negócios prevalecem. O deus é o dólar.



Por Roseli Faria, e por tantas outras, seguimos em marcha!



» CECÍLIA BIZERRA SOUSA
Jornalista, servidora pública federal e integrante da Cójira-DF

A servidora pública, ativista e economista negra Roseli Faria nos deixou há alguns dias, em meados de setembro, no ápice da temporada dos ipês e da seca brasiliense. Radicada em Brasília desde 2011, ela partiu precocemente, aos 54 anos, vítima de um câncer. Uma mulher ousada, aguerrida, generosa. Filha da classe trabalhadora brasileira, com trajetória acadêmica e profissional brilhantes, nunca se conformou em brilhar sozinha. Seu caminhar era coletivo, e, sempre que podia, abria caminhos, criava interações, enxergava oportunidades e inventava possibilidades.

Veio a Brasília para compor uma das carreiras mais prestigiadas do Executivo, a de analista de planejamento e orçamento, depois de ter passado pelo mercado financeiro, por multinacionais, e até pela experiência de ter a própria empresa. Embora sua ousadia e brilhantismo tenham, por óbvio, impactado sua trajetória individual, nunca vi Roseli sozinha, e era isso que mais me chamava a atenção nela. Era brilhante em uma área que poucas de nós transitamos, mas, repito, parecia não se conformar em brilhar sozinha. Tinha aquela inquietude dos que sonham em ver um mundo mais justo e equânime; dos que creem que, "se não tá bom pra todo mundo, não tá bom pra ninguém", e

se empenhava bravamente em mudar a realidade. Foi entusiasta, formuladora e executora de políticas sociais, especialmente de promoção da igualdade racial e de gênero. Seu foco era a inclusão desses públicos no orçamento — elemento fundamental de sucesso de qualquer política pública.

Eu não era íntima de Rose. Mas a chamava de Rose porque tínhamos muitos amigos em comum, e porque sei que havia carinho e admiração mútuas — daquelas coisas que não são verbalizadas, mas que a gente sente. Creio que sermos mulheres negras vindas das bases que sustentam esse país e estarmos dentro da gestão pública foi um propulsor dessa conexão. Ter o sonho vivo e seguir na luta por igualdade dentro de uma institucionalidade que se esforça para manter o estado das coisas distinto daquele com o qual sonhamos e pelo qual lutamos é tarefa difícil, por vezes inglória. Mas Roseli foi brilhante também nessa tarefa.

Como disse, eu não era íntima de Rose. Não tinha sequer uma foto com ela para postar nas redes sociais no dia de sua partida. Mas senti muito sua morte, o que é mais um indicativo de sua relevância e grandeza nesse mundo. Felizmente, nos seus momentos finais, pude me despedir e agradecer. Pude dizer que inspirou, abriu caminhos, foi generosa com outras mulheres negras, contribuiu com grandes conquistas para a população negra brasileira, como a revisão da Lei de Cotas. Agradeço também à amiga Clara Marinho, muito próxima de Rose, e economista negra com sonhos e propósitos semelhantes aos seus — na administração pública e além dela — e que, certamente, manterá seu legado vivo. Clara incentivou-me a levar essas palavras de amor e gratidão à Rose em seus momentos finais "porque o

reconhecimento das pessoas negras diante do que ela fez para as pessoas negras precisa ser reforçado. Nós, mulheres negras na gestão pública, não podemos ser invisíveis para nós mesmas", disse.

Deixei de lado a relutância que nutria por sentir que estaria invadindo um espaço de intimidade e fui. E foi tão importante ter ido. Lembro ainda vividamente daqueles olhos grandes e firmes enquanto eu falava. Lembro da risada que deu quando disse que ela cumpriu honrosamente sua missão neste plano, que podia partir com aquela sensação gostosa de quando a gente dá check em todos os itens de uma longa lista de tarefas.

Em seus momentos finais, Rose mobilizou afetos, presenças, olhares e abraços amorosos. No ritual de despedida, mesmo em meio à correria de uma semana emblemática para o país, em que passado e presente se encontraram para afirmar que não haverá anistia para aqueles que atentarem contra a democracia, a liberdade e os direitos do povo brasileiro, ela mobilizou presença e bem-querer. Rose também mobilizou palavras de homenagem e respeito: de autoridades, organizações sociais e até mesmo do presidente da República.

Por fim, Rose também foi homenageada na plenária final da V Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, que ocorreu de 15 a 19 de setembro em Brasília, e reuniu cerca de 2 mil pessoas para discutir, logo após sua passagem, as políticas que eram seu maior anseio. Descanse em paz, Rose. Você deu check em todas as tarefas. Por aqui, seguimos, agora nos preparando para a 2ª Marcha de Mulheres Negras, em novembro próximo. Por você e por tantas outras... Pelas que foram e pelas que virão. Seguimos em marcha!

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (Interneta) // circecunha.df@dabr.com.br

Cheiro de pólvora no ar

Dos fatores a induzir guerras generalizadas, ainda mais quando o caldo está prestes a entornar, nenhum outro é mais importante quanto o intervalo entre as apreensões e medos e o estalar do conflito. Qualquer sinal fora do habitual leva a população a esperar pelo pior.

Desde a invasão da Rússia à Ucrânia, a Europa toda espera pelo pior. Países como a Alemanha, antes distantes de quaisquer conflitos desde o fim da Segunda Grande Guerra, estão se armando perigosamente. De fato, a Rússia vem desestabilizando a Europa, aliada à Otan, desafiando-a a entrar nesse conflito. E a razão é que a Rússia começa a se dar conta de que entrou num atoleiro de areias movediças ao pretender conquistar a Ucrânia em três dias. Lá se vão três anos de uma aventura bélica que tem custado prejuízos incalculáveis aos russos.

Há poucas horas, drones invadiram o espaço aéreo da Polónia e Estónia, obrigando esses países a fecharem seus aeroportos. Há também relatos de drones fazendo incursões na Dinamarca e na Noruega, paralisando aeroportos e deixando a população amedrontada. O governo russo nega a autoria dessas provocações.

Alguns governos tentam manter a calma; outros já falam em "ataques híbridos", em operações de provocação profissional; mas ninguém ignora: estamos num intervalo perigoso, entre o medo e o estalar do conflito. E cada alerta falso, cada violação de espaço aéreo, cada negação oficial alimenta um risco real de escalada. O que se sabe até agora já é preocupante.

Recentemente, aeroportos na Dinamarca, em Copenhague, Aalborg, Billund, Skrydstrup, entre outros, fecharam suas atividades por horas, após observarem drones sobre ou próximos às pistas. A Noruega também suspendeu o tráfego aéreo no aeroporto de Oslo ao ver drones. Violações do espaço aéreo por aviões militares têm sido noticiadas. Na Estónia, três caças MiG-31 russos invadiram o espaço aéreo nacional durante 12 minutos, sem plano de voo nem transponder ligado, e foram interceptados por jatos aliados da Otan.

Em outros casos, a Polónia derrubou drones sobre seu território depois que esses invadiram seu espaço aéreo, alguns durante ataques russos à Ucrânia. Também há registro de incursões aéreas pela Rússia na Noruega, embora menores e com duração breve, algumas claramente atribuídas por erros ou discrepâncias de navegação, outras ainda em investigação.

A Otan reagiu às provocações convocando consultas sobre o artigo 4 do seu tratado nos casos de Polónia e Estónia, quando esses países consideraram que sua segurança estava ameaçada por essas violações. Na Dinamarca, está em discussão uma espécie de "barreira antidrone", cooperação entre países europeus para detectar, rastrear, identificar e neutralizar ameaças aéreas de pequena escala. O cenário é de:

Risco de escalada acidental: quando aviões militares ou drones penetram o espaço aéreo de países da Otan ou da União Europeia, mesmo sem intenções declaradas de ataque, há a probabilidade elevada de mal-entendidos. Se uma aeronave for confundida com ameaça, pode haver resposta militar — com jatos ou sistemas antiaéreos — e uma situação de incidente virar confronto real.

Desgaste político e militar: as fronteiras se tornam linhas tênues. Cada país aliado confrontado com violações precisa decidir até onde reagir, o que pode gerar tensão interna, pressões para reações mais duras, apelos públicos por defesa reforçada, sanções, ações diplomáticas. Tudo isso exige recursos e logística, além de acarretar riscos de condenações mútuas.

Ansiedade civil e vulnerabilidade psicológica: quando aeroportos fecham, voos são desviados, populações ficam sem informação clara cresce o medo. Em tempos de guerra, o pânico pode ser tão prejudicial quanto o conflito militar direto. Provoca corrida por recursos, desconfiança, boatos, políticas precipitadas.

Normalização de "violação de fronteira": se tais incursões se repetirem sem respostas proporcionais, corre-se o risco de que violações de espaço aéreo passem a ser vistas como algo "aceitável", instrumentalizado como forma de intimidação. Uma fronteira pode deixar de ser reconhecida como inviolável, e isso é uma erosão perigosa de princípios internacionais.

Preparo defensivo inadequado: muitos países não têm sistemas eficientes de defesa contra drones ou intrusões técnicas menores. Drones pequenos ou médios, com voos furtivos ou trajetórias próximas, podem passar despercebidos ou sem resposta rápida. Há lacunas de radar, de legislação, de cadeia de comando que favorecem a surpresa.

A Rússia está, muito provavelmente, testando os limites de resposta. Líderes europeus, a Otan, a União Europeia e os aliados precisam agir com clareza, fortalecer alianças, melhorar defesas aéreas, estabelecer protocolos claros de resposta imediata a incursões e deixar patente que violações não serão toleradas. Mas, sobretudo, as mensagens precisam ser transparentes ao público, aos provocadores e aos aliados, para que não haja espaços para ambiguidade, que são os terrenos mais férteis para o desastre.

Nestes tempos, não basta estar preparado para a guerra, é preciso evitar que ela comece por engano e que uma série de violações sejam a fagulha que deflagre um incêndio a se alastrar por toda a Europa de consequências impensáveis.

» A frase que foi pronunciada

"Não são só os drones que sobrevoam países da Europa. Mentiras também."

Primeiro-ministro da Estónia, Kristen Michal

» História de Brasília

A prova maior de indisciplina do sargento da Marinha foi quando, dirigindo-se ao guarda, apontando para um fotógrafo, exclamou: Tire esse fotógrafo daí, senão eu dou um tiro nele. (Publicada em 10/5/1962)